

MENDO CASTRO HENRIQUES

A Promessa da Política

UNIVERSIDADE CATÓLICA EDITORA
Lisboa, 2018

Índice

Prefácio	9
Introdução	
Os Avisadores do fogo	15
Capítulo 1	
As promessas – da mentira à esperança	
1.1. A promessa neoliberal	19
1.2. Crises e esperanças	24
1.3. As generalidades e as promessas	30
Capítulo 2	
Preparados para ser humanos?	
2.1. Um animal diferente	43
2.2. A surpresa da consciência	48
2.3. Memória e utopia	51
Capítulo 3	
Chegar ao bem comum	
3.1. Boa vida ou vida boa?	57
3.2. A política dos desejos	62
3.3. Teoria crítica do bem comum	67
Capítulo 4	
A sociedade aberta	
4.1. Sociedade aberta e sociedade fechada	73
4.2. Livrar-nos da Santa Aquisição	80
4.3. Resgatar as famílias e empresas	87
Capítulo 5	
Poder, conflito e serviço	
5.1. Fenomenologia do poder e da autoridade	92

5.2. O Animal e o Messias	97
5.3. A revolução da sociedade civil	104
Capítulo 6	
Os discursos da política	
6.1. Falar, saber e manipular	108
6.2. Direita e Esquerda como ideologias	111
6.3. Recriar a promessa, 1922	127
Capítulo 7	
A democracia que temos	
7.1. Representação e participação	123
7.2. A teoria democrática dos partidos	128
7.3. Iniciativas de participação	134
Capítulo 8	
Os estados, as nações e a globalização	
8.1. O estado somos nós	139
8.2. A promessa das nações	144
8.3. Narrativas sobre a globalização	147
8.4. Religião e democracia	152
Capítulo 9	
A poliarquia europeia	
9.1. A construção europeia	158
9.2. A democracia transnacional	162
9.3. O discurso público e a Europa	167
Capítulo 10	
Perspetivas da democracia	
10.1. O mundo da democracia	174
10.2. Paz e guerra	179
10.3. Revolução ou transição?	185
Notas	191
Bibliografia	196

Prefácio

Ao longo da vida tenho sondado o universo da política e apresentado os resultados dessas investigações em livros, artigos e conferências, projetos de investigação e orientação de dissertações, para além da intervenção cívica a que me sinto obrigado em consciência. Não obstante, até escrever este livro não estava convicto de esses meus esforços terem valido a pena.

A razão desse desencanto era que o balanceamento académico de conceitos conduziu-me a mais perplexidades do que certezas; poderia sentir-me um minúsculo herói dos livros e das aulas, mas sabia que me faltava identificar o impulso central da política: estudara fenómenos e procedimentos, mas faltava-me um *insight* central; escrutinara os mais variados séculos de pensamento político mas sabia que as interpretações críticas não captam as ideias-força que movem homens e mulheres, grupos sociais e povos. Estava ciente das noções de pátria e mátria, e visionava a importância da fratria como símbolo de solidariedade global, mas faltava-me o elo entre estas noções.

Essas perplexidades, afinal, foram frutuosas porquanto me obrigaram a escutar novas vozes e posições diferentes dos meus pontos de partida, a confrontar ideias e expectativas até me focar no ideal de justiça e paz que dá pelo nome hebraico de *shalom*. E assim nasceu esta obra – *A Promessa da Política* – com o propósito de narrar de que modo a política transforma a promessa do messianismo religioso, e de como podemos utilizar criticamente esse conceito que começa por ser fórmula de ação e instrumento de mudança cultural, social e económica.

Nos últimos cinquenta anos, o tema predominante da filosofia política tem sido o estudo das questões igualitárias e equitativas na sociedade e, em particular, quais as desigualdades inaceitáveis. Em geral, os filósofos não se envolveram nessas questões sobre a vida boa e o bem comum abordando medidas e programas políticos concretos, até por saberem que poucos os escutariam; antes procuraram formular teorias da justiça, entre as quais as mais exemplares se devem a John Rawls e Amartya Sen.

Entretanto, desde há quase um século que autores de referência vêm dizendo que por detrás de cada ideia-chave da política moderna – nomeadamente liberdade, solidariedade, igualdade – existe uma promessa religiosa: contrato social e aliança; progresso e providência; libertação e êxodo; prosperidade e terra

prometida; líder político e messias; e por trás da justiça e paz, está o *shalom* que é também *salaam e salvação*. Mesmo o severo *reino dos fins*, da ética kantiana, e o *reino da liberdade*, das filosofias de Hegel e Marx, parecem variantes do *reino de Deus*. Não é difícil entender que as promessas da política nascem destas ideias de origem religiosa, mas que passaram por um processo de secularização tão profundo que ficaram quase irreconhecíveis, prestando-se à manipulação por fundamentalismos políticos, por ideologias dominantes e por políticos oportunistas. E, contudo, as promessas originais continuam a brilhar como estrelas nos céus e nas bandeiras.

A essência da política é a promessa, eis o que pretendo demonstrar, e a promessa mais justa é a do bem comum, eis o que pretendo argumentar. Uma promessa é um valor a realizar no tempo e todas as sociedades procuram aplicar esse ideal ao facto da existência: assim nasce a política. A aplicação é necessariamente conflituosa porque se chocam valores antagónicos e porque surgem sucessivas desilusões com os resultados alcançados. Ainda assim, no solo agreste da existência, as sociedades continuam a cavar os sulcos onde plantam as sementes de sua eleição e cujos frutos esperam um dia colher.

Escutamos promessas de um mundo melhor, comunicadas entre mentiras e esperanças através das mil e uma vozes do discurso público. As promessas são inúmeras e díspares. Vão desde as grandes utopias que sonham um mundo diferente, até aos comedidos programas partidários, aferidos em eleições. Vão desde o fundamentalismo islâmico ao discurso neoliberal que silencia a questão do bem comum. Vão desde as mentiras criadas por ideólogos e governantes que seduzem o eleitorado, até à esperança que move montanhas e que, no coração humano, clama por uma vida mais justa, mais digna, mais livre e mais solidária e luta para mudar governantes e regimes que não cumprem tais promessas.

Há boas e más promessas, verdadeiras e inautênticas, mas entre verdades e mentiras existe uma assimetria. A promessa original da política é sobre a terra prometida, a vida boa, o bem comum, a sociedade justa que queremos alcançar. Este livro pretende ser um contributo para resgatar essa promessa dos messianismos, fundamentalismos e banalizações que a pervertem e tal tarefa implica reanimar ideias transmitidas desde a Grécia clássica e berço da cidadania, até ao antigo Israel onde todos são filhos de Deus, e que servem de modelo às democracias presentes.

Não pretendo de modo algum articular uma teoria abrangente, mas sim expor uma narrativa sobre a presença das promessas em política, argumentando caso a caso. *A Promessa da Política* apresenta-se como uma série de experiências

conceptuais sobre possibilidades éticas, políticas e económicas da sociedade contemporânea – interrogando sobre a presença do bem comum. É uma narrativa em que os heróis são como os conceitos nas alegorias medievais, e as conclusões servem de espelho para criticar a realidade atual. Estou ciente de que nela existe alguma prolixidade, como se eu não quisesse deixar de fora nenhum tema porque cada um deles tem o seu papel como personagem.

Tentarei cumprir este propósito seguindo uma linha expositiva que identifica quem promete o quê, quando, onde, como e porquê. Não tenho a pretensão de apresentar uma teoria que ascende até aos primeiros princípios para depois regressar a casa; apenas espero que a narrativa sobre conceitos e situações ajude a esclarecer ligações entre motivações éticas, políticas e económicas e a enfrentar as desigualdades nas democracias em que vivemos.

Começarei por sugerir que as promessas nascem como relações entre os fins e os meios em política (Cap. 1) sem estarem presas às generalidades doutrinárias que são indiferentes ao tempo e às circunstâncias. Indicarei de seguida que quem promete somos nós (Cap. 2) pelo que é importante entender a política em relação com a natureza e história humana e os recursos do planeta. Interessa-me de seguida explorar de que modo as promessas respondem ao insaciável desejo de bens (Cap. 3) que são produzidos, distribuídos, financiados e consumidos. Cada sociedade procura os bens comuns em tempos, lugares e modalidades distintas (Cap. 4) propiciando uma abertura da vida ou, pelo contrário, um consumismo estéril. O choque entre propostas diferentes torna inevitável o conflito (Cap. 5) e a presença do poder e autoridade como meios de o gerir. Mostrarei como elegemos doutrinas diversas (Cap. 6) para formular promessas e como estas ficam submetidas às pressões ideológicas das quais dificilmente nos libertamos. Após examinar as tensões entre democracia representativa e participativa (Cap. 7) e o papel dos partidos políticos, destacarei como estados e nações (Cap. 8) avultam entre as entidades políticas da globalização e de que modo a poliarquia europeia (Cap. 9) está a reequacionar a democracia à escala transnacional. Finalmente, falarei de como a democracia no mundo contemporâneo (Cap. 10) está a ser revista para além do contexto dos estados-nações.

Estou bem ciente de um outro risco desta abordagem narrativa: o de transformar o debate sobre a promessa do bem comum numa conversação interminável e pouco objetiva, e que apenas cria uma atmosfera edificante. Contudo, embora na análise da política tenhamos de ser objetivos, não podemos ser neutrais. Quem se diz neutral, já tomou partido pelo mais forte, terá escrito Max Weber. Quem não for objetivo atraiçoa a ciência. Quem se diz neutro, atraiçoa

a ética. A objetividade resulta da subjetividade que recebeu formação, como sugere Bernard Lonergan. Se não reconhecermos a realidade; se não sentirmos a responsabilidade de lutar pela equidade e pela justiça social, perderemos de vista o sentido da promessa. Mas se, pelo contrário, levarmos em conta a estrutura da realidade, se formos objetivos ao mesmo tempo que somos autênticos, será possível visionar a promessa de um mundo melhor.

Ser objetivo na investigação implica levar em linha em conta o estado da arte. Neste prefácio, queria sublinhar autores incontornáveis entre aqueles a que recorri. Passo por cima dos clássicos da filosofia política porque me sinto suficientemente pequeno perante eles, para aqui ter de invocar a sua maestria. Apenas afirmo alguns nomes imprescindíveis. Entre os autores que estudam o messianismo político aprendi razões muito diferentes com Franz Rosenzweig e Eric Voegelin. Do conjunto de autores sobre as teorias da justiça, elegi John Rawls e Amartya Sen. Nas relações entre economia e ética recorri a Timothy Jackson, e ainda a Bernard Lonergan, João Gil Pedreira, Derk Loorbach e Robert e Edward Skidelsky. Os neomarxistas como Walter Benjamin e Juan Carlos Monedero deram uma voz que escuto às teorias do poder e às lutas dos oprimidos. A ética social, com autores como Johannes Messner, continua a merecer ser escutada nas teorias do bem comum. Na teoria da democracia, foquei-me na ligação entre elitismo e populismo em Guido Dorso e Jacob Talmon. Finalmente, creio seguir o apelo por um mundo melhor desde a utopia de Thomas More à filosofia dialógica de Franz Rosenzweig e à doutrina de Francisco, bispo de Roma e pontífice da Igreja Católica. Creio que todos eles estão presentes no atual desenho das promessas para a humanidade.

Espero que *A Promessa da Política* seja lida como uma alternativa às ortodoxias de direita e de esquerda, uma provocação útil e imaginativa; oxalá possa ser um contributo de libertação face ao clima de opinião neoliberal dominante nos média. A maior parte do discurso sobre política expõe os conceitos como fenómenos circunstanciais, desprovidos de validade universal e só justificados pela marcha da história. As razões por que os conceitos políticos emergem da consciência serão expostas ao longo do livro.

Queria, finalmente deixar alguns agradecimentos, expressos na dedicatória do livro. À minha mulher, Nazaré Barros, agradeço a *destruição criadora* de alguns capítulos desta obra, e as sugestões atentas sobre todos. Ao João Gil Pedreira agradeço o diálogo continuado sobre a relação entre ética e economia. Ao João Jordine, ao Frederico Brotas de Carvalho e ao meu filho António Maria agradeço importantíssimas chamadas de atenção na conversação ao longo dos anos sobre temas deste livro. Finalmente queria agradecer particularmente à

Dr.^a Anabela Antunes, da Universidade Católica Editora, a oportunidade de escrever este livro, estendendo os agradecimentos à sua equipa capaz de o editar em tempo recorde e com o rigor de sempre.

Lisboa, dezembro de 2017 – maio de 2018
Mendo Castro Henriques